

Salve Maria

Maria Velho da Costa*

ucellino
con potente voce di aquila
ma aquila tremante

Pasolini. RIFACIMENTO

Durante cem dias de poder tão relativo porque tão provisório, esperam de ti que concilies, que pacifiques, que restabeleças o crédito retirado pelo homem comum a uma democracia trémula. Que nada ou muito pouco mudes em termos de poderes e instituições, que tudo mudes em termos de atitudes. Preparar o caminho a que senhores?

Chama-se uma mulher para que agüente um pouco, um pouquinho, o leme da barcaça das iras e das cinzas e a faça sulcar, qual donairoza gôndola, o mar crespo de um período pré-eleitoral acaso mais rosnante que qualquer outro dos anteriores. Afastar o cinzento, a poluída bruma nacional, a poder de sorriso e instaurar o cor-de-rosa das meninas de cor como pano de fundo da batalha do voto. Às urnas, às urnas, enquanto a tua mão embalaria o berço.

Disseste Fiat. Alegregamente como a tudo aquilo em que te metes, da cozinha à rua, o que é muito difícil de entender para quem só retira prazer da opressão que suporta ou inflige a outros. Tu vives com a alegria. E eu exultei, e espero que comigo, divertidamente, muitos mais. Todos os de boa vontade. Todos os que podem e, num país destes, sabem que devem, ser pobres mas alegres, que é como quem diz empenhados na construção de uma sociedade — nacional e internacional — que para ser mais justa não se deva mais soturna. Os que a contradição não enraivece ou envilece de mais porque têm consigo ainda algum amor e humor, que é como quem diz sentido do tempo.

É que estão nas tuas mãos cem dias portugueses de imprevisível diferença. Não só por ti, imprevisível, mas pelo jogo de ti com este corpo social. Porque és mulher, sim, num país em que governam homens. Porque és engenheira, pois, num país em que há muitos anos decisivos para o desenvolvimento, torto embora, do restante Ocidente, o discursivismo estéril e obscurantista dos púlpitos e dos bacharéis em direito, o guincho puritano de uma burguesia caquética e assustada, se sobrepuseram sempre à imediata necessidade de palavra-em-acto dum povo que se estropiou na subalimentação e na guerra, que emigrou mal, que empobrece mais e mais.

E, diferença ainda, essa a mais secreta e também a mais evidente para quem (te) vê — tu és um poeta. Como se diz na tropa e como se diz na alma, de alguém que é luminosamente confiante e até com os desaires vai medrando. E és cristã. Isto é alguém que crê que é no quotidiano dos corpos humanos, no seu prazer e pena, aqui e agora, próximos — que está o sentido. És daqueles, raros, para quem a Encarnação nunca precisou de ser dogma.

Coisa de sorrir, pois, esta de nos aconteceres assim tão no intervalo, assim tão, Pega lá na criança ao colo, tão enfezada e birrenta, a democracia parlamentar portuguesa, muda-lhe a fralda, varre a cozinha, enquanto a gente vai lá para dentro aguçar o argumento, reforçar o empréstimo, programar a institucionalização definitiva da crise, do debate ideológico, do desastre quotidiano.

Mas acaso foi a canseira do jogo político, acaso foi a falta do crómio maluzer deste País, (como se nos outros se não torcesse o rabo da crise civilizacional, económica, mais azeda e mais sórdida), acaso foi o lento e crescente desaire do dizer sem fazer, ou fazendo mal, ou fazendo a mal, que os levou, para lá da atitude explícita de nomear-te, de aceitar-te ou denegar-te — que os levou a propor-te ou exigir de ti apenas — a construção de uma serenidade que não seja, fosse, polémica. A ti, de quem ouvi há meses, diante de pacatos gestores portugueses, pudicamente atônitos, engravatadamente extasiados, o apelo à insurreição total de todos nós.

Não será antes que o que de facto te pedem uns e proibem outros, é a restauração da crença e do entusiasmo das grandes massas no seu próprio fazer de si mesmas, que a uns falece sustentar e a outros ameaça? Esperam de ti que o homem de rua — ainda que pelo aguilhão da mulher e seu cabaz vazio, que tão fraternamente entenderás, não mais diga, Quero lá saber. E diga de novo, Quero saber. E quando ele e ela, pelo seu exercício da franqueza total, estiverem prontos para essa preprimária do civismo de que já descreem, será que te dirão, Chega filha, agora nós dizemos como, Vai, vai para a UNESCO como portuguesa de primeira que és, produto de exportação?

Escondo na manga e mostro, femeamente, dois secretos trunfos porém, meus, teus, de quem tiver ainda um pouco de graça e coração imaginoso para apoiarte — a confiança na tua imensa vitalidade, que te leva, como todos souberam sempre e só por hipocrisia lêem de outro modo, a quebrar protocolos e precedências, não por avidez de poder, mas porque simplesmente maçam quem não é estúpido e empatam quem quer fazer.

Outro trunfo será a diferenciação que de facto faço, fazemos, entre as forças sociais mais profundamente em jogo e que demarca linhas claras entre os partidos, dentro dos partidos — os que lutam pelo (pleno) emprego e os que lutam pelo pluriemprego de alguns; os que lutam pela dignidade do corpo, nos afectos, no local de trabalho e na escola onde ele deve tomar voz, na comunidade internacional, e os que lutam pelo fechamento unilateralmente dependente, mais imediata e perversamente rentável; os que são aquilo que já deram à comunidade a que pertencem, por mais ignorada, por mais ignorados, e aqueles que julgam ser o que dela resultam.

Nesta Europa descalça, residual de um III Reich onde não se queimaram corpos mas se reduziram corpos e consciências, e é ser disso, portuguesa, que te faz «terceiro mundista», nossa negrinha de Deus, nesta horinha mal-mariânica, dão-te cem dias. É de mais para uma aparição, por mais brilhante que seja a senhora, de menos para uma gravidez a termo, por mais valerosa a mulher. Eu sei, hão-de ver-te em trabalho, gestante. Mas já te mordem a direita dos direitos ó tão individuais e tristes e a extrema esquerda dos direitos ó tão colectivos mas poucos. O resto amua ou espera, um bocado emburrado. É porém, muito possível que sejas amada e escutada pela gente anónima e pelos poetas de todos os mesteres, que sabem que em política o que é, é. Que sabem muito mais que o que parece. Que sabem que os que te chamam comunista e meloantunista te estão só a chamar nomes que acham feios, sinal certo de raiva impotente. Que sabem que os que te apontam como grave senão de cristã o apoio à legalização do aborto, empurrariam de bom brado a filha solteira para a clínica em Londres ou despediram já por levantada a criada grávida. Ou respeitam com grande agrado os períodos fecundos, único alívio da chateza da relação que podem.

Parecerá isto um canto de louvor enquanto é tempo, quase póstumo. Ou um aviso a essa tua navegação useira e vezeira em deixar-te ir na confiança até escolhos perigosos na manipulação de outrem — por causa do teu encanto, em detrimento do teu desígnio. Será também.

Mas é mais, muito mais, um aceno à tua viagem de coração cheio, a anticarreira até aqui. Penando que possa ser de arribação ou decorativa doutras a tua passagem, avezinha grande. E não serei eu a desafiar-te ao desafio que de ti esperam, acaso todos esperam. Sem grande esperança ou fé, e muito menos caridade, muitos dos que detêm poderes ou os recuperaram, esperam. Mas os desalojados da paz podre e da mudança incumprida, as bases do edifício, esses podem já escutar-te, escutam-te. Não haverá maior desafio.

Dou-te pois com eles a salvação. E o meu apoio e confiança e comoção, de mulher e de cidadã, inteiros. E possas tu deixar neste povo ao menos a memória de uma hora curta de verdade plena, de boa vontade límpida, de inteligência e sensibilidade novas, nossas. Porque nem sempre é a integridade de um dirigente e o seu gosto pela vida o que faz mover as massas humanas. Mas é sempre o que elas esperam, o que veneram quando reconhecem, o que rememoram como sinal, só sinal, da sua própria vitalidade e grandeza.

Bem-vinda pois, com o teu nome e trato de pássaro robusto, rústico e cantador e o teu sorriso de menina boa sem tolíce ou toleima. Essas coisas contam.

* — Escritora. «Prémio Cidade de Lisboa» de romance (1977). Anterior presidente da Associação Portuguesa de Escritores.

